

Migrantes enquanto sujeitos da História: a tessitura dos trajetos migratórios entre a Província do Ceará e o território amazônico (1852-1877)

Antônio Alexandre Isídio Cardoso*

Resumo: O estudo das trajetórias migrantes entre a Província do Ceará e a região amazônica nos oitocentos (1852 a 1877) configura o eixo central deste artigo. Nesses meandros serão perseguidos rastros de vida no processo histórico, objetivando analisar quais os fios condutores do deslocamento de tantas pessoas do Ceará à Amazônia. Para tanto, faz-se necessário um exame dos contextos históricos destes lugares tão distantes e distintos, colocando em questão algumas de suas interações, estas promovidas grandemente através das migrações ora abordadas. Portanto, tratar-se-á da complexidade destas movimentações enfatizando as ações e intervenções dos próprios migrantes, percebendo as vicissitudes de suas experiências engendradas no bojo das travessias.

Palavras-chave: Migrações – Trajetórias – Amazônia

Abstract: The study of the trajectories of migrants between the Province of Ceará and the Amazon region in the nineteenth century (1852 to 1877) is the focus of this article. In these meanders it will be pursued these tracks of life in the historical process, considering what the conductors of the displacement of so many people between Ceará and Amazon. Thus, it is necessary to examine the historical contexts of these places so distant and different, discussing about some of their reciprocal relations promoted heavily by migrations addressed. It will be analyzed the complexity of these movements, studying more carefully the actions and interventions of the migrants themselves, realizing their experiences engendered in the midst of the crossings.

Keywords: Migrations – Trajectories - Amazon

Errantes, itinerantes, aventureiros, ambiciosos, perseguidos (ou “perseguido”), no rastro de um melhor devir para além da miséria, mas talvez aquém dos sonhos. Plurais os migrantes caminham sob o imperativo de mudanças carregadas de permanências, como sujeitos da História, tecendo a urdidura de seus caminhos, em diálogo com o campo de possibilidades que os atravessa. A análise das experiências migrantes entre a Província do Ceará e o território amazônico nos oitocentos (1852-1877) proporcionou algumas destas reflexões, que são o cerne do presente trabalho.

A historiografia é avara quando se trata do tema das migrações internas no Brasil, e quando se versa sobre o século XIX a mesquinhez aumenta. No que tange às movimentações de pessoas entre o Ceará e o território amazônico cristalizou-se o entendimento das migrações tangidas pelas secas, instrumentalizadas pelo Estado e regidas pelos interesses industriais

* Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Ceará, bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

internacionais, estes erigidos pelo aumento da demanda por borracha, só conseguida à época nos seringais da floresta. Portanto, os papéis foram distribuídos, o palco arrumado e limpo, e a História das migrações narrada sem os migrantes.

Em resposta a este paradigma historiográfico estão sendo construídas as problemáticas desta pesquisa, que busca entender a movimentação de cearenses rumo à Amazônia em momentos anteriores a grande seca de 1877-1879, que é tratada, em larga medida, como ocasião da gênese do fluxo migratório, quando a estiagem, o Estado e os interesses internacionais entraram (para alguns) numa espécie de conjunção precípua que desencadeou a retirada de milhares da Província. Seguindo a contra-pêlo, estuda-se como foi possível a constituição de tal processo migratório por outros vieses, observando a tessitura dos caminhos migrantes. Por isso é interessante questionar: como a Amazônia tornou-se possibilidade para estas pessoas? Entre lugares tão distantes e distintos, por que tantos migraram?

Com base nestas perguntas faz-se necessário voltar o olhar para o mundo amazônico oitocentista, caracterizado como um Império da “natureza inculta” sob a sanha do Império brasileiro, que almejava promover a civilização na Amazônia, ordenando-a para facilitar o esquadramento de suas possíveis riquezas. Dentro deste fito foi pensada e criada a Província do Amazonas em 1852, dando mais fôlego aos intentos ligados a incorporação da floresta às raias da nação. Os argumentos sustentados nos relatos da presidência de Província alardeavam que “se achão densas matas e campinas férteis cheias de produções as mais excellentes (...) que dão para o sustento de centenas de milhares de pessoas.”¹ O Estado dava vazão a imagem de uma natureza opulenta, mas deficitária em “braços”, que serviriam na devassa do território, com a finalidade de incorporá-lo como área produtiva ao Império.

Complementando a tarefa de alargar as fronteiras produtivas os caminhos dos rios foram oficialmente “demarcados”, segundo os interesses comerciais de Companhias de Vapores, inicialmente sob os auspícios de Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, que criou a Companhia de Navegação do Amazonas em 1853, começando “a operar com três navios pequenos, dos quais o Marajó gastava 22 dias na viagem Belém-Manaus-Belém, o que significava uma velocidade sete vezes maior do que as embarcações tradicionais” (SANTOS, 1980:55). Posteriormente, em 1867, operou-se a oficialização da navegação comercial para embarcações estrangeiras, proporcionando um acréscimo ainda maior na circulação de pessoas e mercadorias pela bacia. Dessa forma, o signo da produção, da velocidade, passava a

¹ Relatório de Presidente de Província do Amazonas, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, 1852. Acessado em 10 de Abril de 2009. disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/59/000002.html>

se articular na floresta, dando vazão a uma “obra de desbravamento econômico, pelas oportunidades que se abriam a produção regional” (REIS, 1953:30).

Desbravar, nesse sentido, tinha um significado plural, pois além de relacionar-se aos interesses econômicos também aproximava-se da idéia de promover a *civilização* àquele território, por via de sua exploração econômica. Os passos direcionados ao *desbravamento* se apressaram com a abertura oficial de linhas de vapores na bacia amazônica, que avançavam sobre áreas pouco conhecidas, ou até completamente desconhecidas aos olhos do mundo “civilizado”, fonte de mitos, encantados e monstros que certamente vigiavam riquezas e maravilhas ainda insondáveis, como rios que levariam ao éden, ou até uma árvore produtora de látex (GONDIM, 1994).

A Amazônia firmava-se como destino de milhares de pessoas, viajantes vindos de diversos lugares, como membros de comissões científicas, caçadores de “novidades” da natureza, comerciantes que cresciam os olhos sobre as drogas da floresta, e também muitos cearenses que espalharam-se pelo território, chegando aos extremos das fronteiras amazônicas oitocentistas, e também além delas, como nos rios Purus, Madeira e Juruá. Tendo como foco as trajetórias dos migrantes cearenses, urge questionar como e através do que as “possibilidades amazônicas” e suas simbologias chegaram até estes sujeitos, e ainda como estas representações eram ressignificadas na Província do Ceará, de modo a promover tantas travessias. Entende-se que o migrante teceu seus caminhos contribuindo na solidificação do fluxo migratório, interferindo na elaboração do que ficou conhecido como *boom* gomífero² no século XIX e primeira década do XX.

É necessário salientar que apesar da atenção dada as trajetórias migrantes não objetiva-se colocar em suas mãos as rédeas de todo o processo histórico, posto que estes devem ser inseridos nas redes de sociabilidade que lhes atribuíam sentido, em diálogo com o campo de possibilidades onde movimentavam-se. Portanto, ao pensar a História das migrações entre a Província do Ceará e a Amazônia nos oitocentos não podem ser negligenciados elementos relacionados ao contexto da vida econômica da época, como também as mobilizações de políticas oficiais e a influência da problemática das secas nesse percurso (dentre outros fatores), visto que estes aspectos estavam presentes, também intervindo na constituição do processo migratório. Objetiva-se, com isso, trazer a lume estas rugosidades presentes na História, pondo em evidencia a pluralidade das forças sociais atuantes, o que implica em situar também os migrantes nesta História, presentes na feitura das

² O *boom* gomífero é entendido como momento do ápice das exportações brasileiras de borracha, estabelecidas entre 1880 e 1910.

travessias entre a Província do Ceará e o território amazônico. Escrever uma História das migrações contemplando em especial a experiência dos migrantes, analisando a montagem de suas trajetórias, não implica em “retirá-los do extrato social a qual pertencem e elevá-los a pedestais de deidade” (MORAIS, 2003:31), posto que é salutar situá-los como partícipes do processo histórico, e não delegá-los alguma espécie de super poder, que os dirigisse a vitória sob as asperezas residentes na vida em sociedade.

Desse modo, enxerga-se o migrante na edificação de suas experiências enquanto sujeito errante, deslocando-se dentro das teias de relações sociais, deparando-se com mudanças a cada lance de vista, tendo por base seus costumes, e memórias enquanto permanências. Essas relações entre mudanças e permanências promoveram ressignificações, que alteraram referenciais de sobrevivência e leituras de mundo, que forjaram suas experiências enquanto sujeitos das migrações.

Visando contemplar estes aspectos da experiência migrante analisa-se a trajetória de João Gabriel de Carvalho e Melo, cearense nascido nos oitocentos nas imediações da serra de Uruburetama³, no sítio Mundahú, donde migrou no ano de 1847, tendo como destino ultimo o território amazônico. João Gabriel movimentou-se entre as duas regiões durante o século XIX, deslocamentos estes estudados por um dos membros do Instituto Histórico do Ceará, Soares Bulcão, que produziu 2 artigos nos anos 1930⁴ onde anexou cartas escritas por João Gabriel, discorrendo sobre suas migrações entre a Província do Ceará e a Amazônia.

João Gabriel saiu do Ceará deixando família e filhos, os caminhos desse emigrante passaram primeiramente pelo Piauí, indo na direção do Maranhão, onde fixou residência no lugar chamado “Chapada”, permanecendo até 1853. “Tendo deixado família ilegítima seguiu dali para São Luiz, onde pouco demorou” (BULCÃO, 1932:29), receando a violência por parte da família da mulher que pressionava o casamento.

Posteriormente, dirigiu-se a Belém do Pará, chegando a cidade em 22 de setembro de 1854. É interessante destacar o impacto causado em João Gabriel por conta da chegada na região amazônica, isto em virtude do grande choque em meio aos contrastes do território tendo como referência o Ceará, e o entusiasmo com as possibilidades de um lugar onde se tinham informação de riqueza e opulência. Em um trecho de carta escrita a sua família na sua passagem pela capital do Pará, João Gabriel descreveu seu medo frente as iminentes “doenças”, e sua animação com as *possibilidades* que se abriam na região:

³ Localizada nas proximidades do litoral do Ceará, atualmente “Uruburetama” também corresponde ao município que fica no sopé da serra de mesmo nome.

⁴ Especificamente em 1932 e 1939, presentes na edição desses respectivos anos da Revista do Instituto Histórico do Ceará.

Meu amantíssimo pae,
Pará 22 de Setembro de 1854.
V.mcês, roguem por mim, que com a ajuda do mesmo Deus pretendo dar a
vocemecês com o que passarem o resto de suas vidas; (...)
Não me recomendo ahi a ninguém, porque o curto período de 7 anos já gastou a
lembrança delles para com este aventureiro(...)
N. B. Estou bastante aterrado de medo nesta cidade, por haver nela bexiga
verdadeira e febre amarela; porém Deus é grande. É bastante doentio este canto do
mundo; hoje 25 corrente fico de saúde.
Seu Filho João. (BULCÃO, 1932:29)

Os impactos causados com a mudança de região, com a chegada no território amazônico, são registrados por João Gabriel dando ênfase ao caráter “bastante doentio” daquelas paragens, ou seja, além das possibilidades que se abriam perante aquela nova fronteira econômica do século XIX, também saltava aos olhos possíveis problemas, “por haver bexiga verdadeira e febre amarela”. O avanço na direção dessas fronteiras tornou-se possível diante do terreno das possibilidades de melhorias de vida, resguardados nas representações de uma terra rica. Além disso, pode-se perceber que havia o objetivo de fornecer aos familiares abandonados no Ceará “com o que passarem o resto de suas vidas”, dando a entender que João Gabriel tinha a intenção de retornar a Província ou mesmo o desígnio de enviar recursos para seus parentes. A viabilidade dessa argumentação pode ser conferida a partir do retorno de João Gabriel a Província do Ceará em 1869, quando este propagara aos seus conterrâneos a idéia da Amazônia como terra de promessa, onde ele próprio conseguiu prosperar depois de alguns anos de trabalho. Portanto, junto com o migrante chegava ao Ceará a visão das possibilidades de prosperidade, de enriquecimento, fortemente estabelecida durante a gestação do chamado *primeiro surto da borracha*.

O seu retorno ao Ceará, depois de longos anos incógnito, causou alarme aos patrícios em função de sua riqueza, pois João Gabriel comprou fazendas, animais, dentre outros bens, trazendo aos conterrâneos imagens de uma Amazônia que simbolizava a redenção da miséria, a possibilidade de enriquecimento, tudo isso visualizado num “igual” que anos antes havia largado a família em função do fracasso como provedor do lar. A passagem de João Gabriel pela Província do Ceará também ocupou os estudos de Soares Bulcão, que afirma em seu artigo:

Esses detalhes encontrei-os ainda commentados pelos parentes e contemporâneos (...) a surpresa (com o retorno) já de si extraordinária, daria motivos para grandes festas e comemorações, mas Ella vinha acrescida da circunstância de ter o nosso heróe regressado rico, de uma riqueza que a imaginação daquelle povo modesto, habituado, naquela epocha, às pequenas fortunas da terra, logo qualificou de fabulosa e nababesca. (...)
Comprou em Sobra, a D. Luiza (...) as fazendas de Santa Maria, Valentim, Touro, e Cruz das Almas, no Aracaty-assu, e situou-as com 1005 cabeças de gado vacum,

compradas a José Balbino, além de outras aquisições feitas a diversos. As fazendas custaram-lhe 30.000\$000, que naquele tempo representava uma fortuna. (...) Retornou ao Amazonas no mesmo anno, conduzindo consigo uma verdadeira caravana, de parentes e aggregados, além da família e seus velhos progenitores.(BULCÃO, 1932:36-37)

Essa problemática indica que João Gabriel estava situado entre os que adquiriram algum patrimônio, ou seja, entre a minoria que conseguiu estabelecer-se no território amazônico e retornar a Província do Ceará anos depois, porém, sem o indicativo de fixar residência, e sim com o objetivo de arregimentar trabalhadores para a labuta nos seus domínios na Amazônia. Essa atitude pode ser inserida dentro das atividades dos Paroaras⁵, que retornavam a sua terra natal como espécies de mensageiros da Amazônia, esforçando-se na tarefa de conseguir trabalhadores dispostos a fazer a travessia rumo a floresta. Isto pode ser analisado no relato de José Wilkens de Matos, Presidente da Província do Amazonas em 1870, que parabeniza João Gabriel pelo seu “bello esforço”, quando este retorna do Ceará trazendo muitos conterrâneos, trabalhadores tão reclamados pelos dirigentes políticos na Amazônia, que aspiravam ao desenvolvimento através da devassa das matas, no sentido de incorporá-la como fronteira produtiva ao Império.

Do Ceará, o cidadão João Gabriel de Carvalho e Melo trouxe uma colônia de 53 cearenses para o rio Purus. Chegou a este porto à bordo do Vapor Madeira, no dia 4 de Outubro de 1869. Sendo este bello esforço daquele cidadão, que procura alargar os horizontes da indústria extractiva em que se emprega ha tantos anos, prestei-lhe todos os auxílios para facilitar o transporte da colônia ao seu destino⁶.

É interessante notar a importância que as atividades de João Gabriel tinham para o governo provincial do Amazonas, a ponto deste fazer alusão a sua determinação em “alargar os horizontes da indústria extractiva”, que se tornou possível graças ao quadro de mão-de-obra formado, sobremaneira, por emigrantes advindos do Ceará, lugar de onde o “cidadão João Gabriel trouxe uma colônia de 53 cearenses”. Neste quadro também se pode situar a presença do Estado em auxílio aos interesses do Paroara, que dava subsídios quanto ao transporte desses emigrantes, isto levando-se em conta que os governos provinciais da região amazônica também tinham interesses na propagação das migrações rumo a Floresta.

Salienta-se ainda que João Gabriel de Carvalho e Melo foi um sujeito *que fugiu a regra*, figurando entre uma minoria que prosperou economicamente, estabelecendo-se enquanto proprietário de terras no território que atualmente situa-se entre os Estados do Acre

⁵ Caracterização dos sujeitos que deslocavam-se entre a Província do Ceará e a região amazônica no século XIX no fito de arregimentar trabalhadores para a labuta na floresta.

⁶ Relatório do Presidente de Província do Amazonas João Wilkens de Mattos, 25 de Março de 1870. Acessado em 11 de Abril de 2009. <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/79/000032.html>

e Amazonas. Sua experiência *documentada* enquanto migrante deve ser confrontada às experiências silenciosas da maioria, ou seja, a trajetória de João Gabriel serve como uma espécie de *janela*, que facilita a observação analítica da maioria oculta dos documentos oficiais.

Desse modo, a face de um “eldorado” atraía muitos, a árvore do “ouro negro” era promovida como fonte de sobrevivência (ou até de enriquecimento rápido e fácil) e, assim, as esperanças foram dando forças a travessia, e um longo caminho foi sendo percorrido por milhares de cearenses rumo a Floresta. Mas, até que ponto esta imagem de um “eldorado” se sustentava? Entre a fala do Paroara e o contato com o mundo amazônico quais foram as diferenças encontradas? Quais são as rupturas e permanências vividas por essas pessoas no decorrer de seu trajeto?

Com base nestas questões propõe-se uma reflexão sobre a representação edênica da Amazônia resguardada no *exemplo* Paroara, pois esta não pode ser analisada de maneira estática, e sim deve ser salientada na sua fugacidade, submetida a pluralidade de experiências que nos percursos da travessia foram emprestando outros tons ao *Eldorado*, transformando-o, a partir dos travosos caminhos do cotidiano de trabalho nas matas. O aprendizado do corte da seringa, as doenças desconhecidas, o progressivo endividamento através do sistema de aviamento⁷, os estranhamentos cotidianos com o novo ambiente, dentre outros aspectos, eram elementos que desvaneciam a Amazônia dos sonhos, e davam lugar a uma vida de grandes dificuldades, quiçá maiores do que as enfrentadas na Província do Ceará.

Bibliografia

- ABREU, J. Capistrano de. **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. Fortaleza: Edição Fac-Similar, Câmara Brasileira do Livro. 1930.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. vol. 1. 7ed., São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia:– Um Pouco – Antes e Além Depois**. [s.l] Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.
- 2001.
- BULCÃO, Soares. **O Comendador João Gabriel**. In Revista do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará, Fortaleza, 1932.
- CARVALHO, José. **O matuto cearense e o caboclo do Pará**. Fortaleza: Edições UFC, 1973.
- CARVALHO, José Murilo. **A Construção da Ordem: a elite política imperial**. (Coleção temas brasileiros; v.4). Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1981.

⁷ O aviamento significava uma prática econômica baseada no endividamento ou crédito que mantinha a cadeia de produtores das “drogas do sertão amazônico”, fornecendo-os alimentos, armas, roupas, dentre outros gêneros, em troca dos produtos conseguidos na floresta.

- CASTRO, Ferreira de. **A selva**. Rio Branco: Fundação Cultural do estado do Acre, 1998.
- CUNHA, Euclides da. **À margem da história: Euclides da Cunha**.- São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleções temas brasileiros.
- DEAN, Waren. **A Luta pela borracha no Brasil: um estudo de História ecológica**. São Paulo: Nobel, 1989.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. 4ed. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1997.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- GRAHAM, Douglas H. FILHO, Sergio Buarque de Holanda. **Migrações internas do Brasil: 1872-1970**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1984.
- NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.
- LACERDA, Franciane Gama Lacerda. **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência. (1889-1916)**,2006. Tese(doutorado): Programa de pós-graduação em História Social . Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.
- LEONARDI, Victor Paes de Barros.**Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira**. Brasília: Paralelo 15 editores, Editora Universidade de Brasília, 1999.
- LIMA DE MORAIS, Viviane. **Razões e destinos da Migração: Trabalhadores e Emigrantes Cearenses pelo Brasil no final do século XIX**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP,2003.
- REIS, Arthur César Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1953.
- SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. Prefácio de Pierre Bourdieu; tradução Cristina Muracho – São Paulo, EDUSP, 1998.
- SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História econômica da Amazônia**. 1800- 1920. São Paulo. Queiroz, 1980.
- THEÓPHILO, Rodolpho. **O Paroara**. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção social, 1974.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. São Paulo: Zahar, 1994.
- WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.- (Estudos Históricos;20)
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.